

## **Em tempos de tintas digitais: escritos e leitores**

Eliana Almeida de Souza Rezende<sup>1</sup>

**Resumo:** Com os suportes em formato físico as experiências táteis e sensoriais, eram muito maiores, não precisávamos de intermediários como: aplicativos, tecnologias, gadgets. Bastava a experiência do silêncio da alma e a inquietude do espírito. Para além dessa ampla produção de novos suportes para o registro, o mundo contemporâneo produz outra categoria de leitor e de produtores de conteúdos. A escrita e a leitura se colocam de outra forma: a escrita não possui mais o componente de linearidade que conhecíamos e diferentes narrativas podem dar-se. Um blog, que seria em outros tempos um diário, apresenta escritos, imagens, vídeos, sons e que não se encontram linearmente dispostos. O leitor, assim, é movido e hiperlinkado para outros rumos. O encadeamento do escrito não é de quem escreve, mas muito mais de quem lê e da forma que escolhe como leitura. É nesse contexto que o documento de hoje é produzido e é nesta economia que circula, divaga virtualmente, desterritorializado, numa fragmentação veloz de tempos e espaços. A narrativa se liberta de seu produtor imediatamente após a sua produção. Paradigmas necessitarão ser revisitados, repensados e intermediados por muitas outras áreas. Vivemos uma transição que é cultural, social e, principalmente, de formatos e tecnologias. O laboratório para tais inquietações é meu blog: Pensados a Tinta <http://pensadosatinta.blogspot.com.br/>, cujos frutos, caminhos e trilhas partilho com todos.

**Palavras-chave:** Escrita, Leitura, Mídias, Tecnologia, Metodologia, Fontes Históricas, Ciberespaço, Comportamento, Sociedade Digital

### **Em Tempos de Tintas Digitais: Escritos e Leitores**

Em "Utopia de um homem que está cansado", Borges descreve o encontro do narrador com um homem de quatro séculos, que vive no futuro – ‘um homem vestido de cinza’, cor que envolve os mensageiros da estranheza em vários contos do escritor argentino – e que faz assustadoras revelações. Uma delas é a extinção da imprensa, “um dos piores males do homem, já que tendia multiplicar até a vertigem textos desnecessários”. (BORGES, 2001, p. 84)

À revelação do desaparecimento da imprensa no mundo do futuro, o narrador responde com um longo discurso:

---

<sup>1</sup> Possui Doutorado em História Social, Linha de Pesquisa Cultura e Cidades pela UNICAMP. É Assessora de Gabinete do Secretário no Planejamento Estratégico na Secretaria de Estado de Infraestrutura e Logística do Paraná, responsável pela Gestão Documental; Consultora em Gestão de Informação e Memória Institucional; Curadoria e Produção de Conteúdos; Consultora de Projetos Sociais, Culturais, Históricos; Docente e Conteudista EaD na UNOCHAPECÓ com a disciplina História do Livro e da Biblioteca. Blogueira do blog Pensados a Tinta: <http://pensadosatinta.blogspot.com.br/>. Página do blog no Facebook: <https://www.facebook.com/pensadosatinta>. E-mail: [eli\\_rezende@yahoo.com.br](mailto:eli_rezende@yahoo.com.br).

“Em meu curioso ontem (...) prevalecia a superstição que entre cada tarde e cada manhã acontecem fatos que é uma vergonha ignorar. O planeta estava povoado de espectros coletivos, o Canadá, o Brasil, o Congo Suíço e o Mercado Comum. Quase ninguém sabia a história anterior desses entes platônicos, mas sim os mais ínfimos pormenores do último congresso de pedagogos, a iminente ruptura de relações e as mensagens que os presidentes mandavam, elaboradas pelo secretário do secretário com a prudente imprecisão de que era própria do gênero. Tudo se lia para o esquecimento, porque em poucas horas o apagariam outras trivialidades. (...). As imagens e a letra impressa eram mais reais do que as coisas. Só o publicado era verdadeiro [...]”. (BORGES,1995, p. 85).

A verdade é que neste tempo distante e assustador extinguiram-se não apenas os jornais, mas também os museus e as bibliotecas. Deixam de existir monumentos, feriados ou espaços de rememoração; não existem mais cidades.

Tal como ocorre aqui no texto de Borges, a leitura contemporânea parece ser feita sob muitas circunstâncias, para o esquecimento.

Com tal argumento, gostaria de levá-los a repensar a literatura e suas relações com seus leitores e o contexto de produção das obras.

Isso porque a leitura sempre vai além do texto. É preciso tomar em conta o leitor, o escritor, o texto, a época em que o texto é produzido bem como o tempo em que o mesmo é lido. Cada texto assim pode ser sempre recriado, reinventado a cada vez que é reinterpretado e/ou assimilado. Mas vejo que cada vez mais essa forma de ler parece ser algo bem além do que nossa sociedade seja capaz de fazer. Distraídos, dispersos e na maioria das vezes ávidos apenas pelo novo que chega, deixa essa possibilidade de leitura para trás.

Para este caso, a leitura talvez esteja encontrando o seu final. O déficit de atenção e a indisposição pela verticalização inviabilizam este tipo de leitura.

A literatura (ficção ou não-ficção) e provavelmente seus autores, terão que tomar em conta esse dado além dos suportes e graus de interações possíveis e prováveis.

Tempos novos, interessantes e de muitos desafios.

Felizmente acho que muito poucos ainda põem em questão o término do livro.

Há algo aqui que envolve a qualidade dos leitores. O bom leitor é arguto, perspicaz e caminha com o escritor. Busca todo o tempo interlocução de ideias e conteúdos. E talvez aqui exista a maior fragilidade a ser vencida. O verdadeiro leitor é antes de tudo um ser crítico. Não no

sentido pejorativo de gostar ou não das coisas, mas no sentido de saber ser interlocutor fazendo as perguntas adequadas ao lido e as transpondo para seu universo de atuação.

É assim que se constrói repertório: ler; questionar; reformular e aplicar.

Cada vez mais as pessoas acabam reproduzindo o lido, é neste sentido que quero instigar os leitores a irem além do escrito e propor novos caminhos para antigos questionamentos.

Em geral, textos que abordam o ofício do historiador pretendem trazer em seu bojo aprofundamento de questões metodológicas ou mesmo de caminhos investigativos.

Devo confessar que não é meu intento!

A proposição aqui é muito mais expor uma inquietação provocativa e lançar aos futuros historiadores e demais profissionais das áreas de Ciências Humanas questões em relação ao seu trabalho e investigação com as fontes produzidas na contemporaneidade de princípios do século XXI.

É da minha lida com a preservação e conservação de fontes documentais para posterior consulta e produção de pesquisas que suportam investigações e caminhos que este ensaio nasceu. Além disso, e com o desafio de manter um blog, tais questões permeiam meu ofício, opções e ações.

As preocupações com acervos em diferentes instituições impõem a reflexão e aplicação de metodologias e procedimentos que garantam o acesso à informação contida em documentos sob os mais variados suportes para as gerações futuras.

O historiador lida com fontes: pequenos indícios deixados, voluntária ou involuntariamente, que atravessam épocas, transpõem espaços, vencem intempéries, descasos, o tempo e as muitas formas de deterioração intrínseca e extrínseca de seus suportes. Encontram diferentes usos, e em vários casos funções e pertencimentos que são próprios do fazer-se “prova” ou “testemunho”.

Artífices que tecem intrincados caminhos deixados por fontes prováveis e improváveis, os historiadores, transformam-se em porta-vozes de um tempo, de uma trajetória feita por questões e investigações. Conexões são feitas e refeitas, caminhos investigativos desbravados à luz de diferentes métodos e matrizes teóricas. Em muitos casos, o caminho é árduo e construído a partir de hiatos, de não-ditos, de silêncios e omissões. Urde-se a construção de uma trama que circunda um objeto fazendo disso a História, nem certa nem errada, apenas por um ângulo ou prisma diverso.

Em todos os casos, tais registros da atividade humana em toda a sua complexidade são fixados em diferentes suportes e por toda a História encontraram suas formas de perenidade para mais adiante sofrerem o trabalho crítico de pesquisa e crivo.

Diante de tal complexidade, laboriosa e detalhada, que cada fonte solicita e da quantidade de suportes e de registros de que dispomos, oferece-se ao olhar pesquisador ampla gama de produtos que servirão como fonte de pesquisa e matéria-prima para a História.

Coetâneos em sua essência, nossa sociedade vive a construção de um novo paradigma sobre a forma como se produz conteúdos e informação.

Tomo de empréstimo o sentido de coetâneo proposto por Duque (2011):

“[...] Coetâneo, aqui, abriga o significado do que é contemporâneo e ao mesmo tempo integrante de contexto de vanguarda social, política, econômica, técnica e científica [...].”

É o uso intensivo de tecnologias de informação e de comunicação que tem diferenciado nossa sociedade de princípios do século XXI e que, sem dúvida, imporá aos profissionais de diferentes áreas de conhecimento e, em especial, para o nosso caso as Ciências Humanas, o desafio de encarar escritas e trilhas que vão muito além do que se supôs até então.

Objetivo oferecer ao leitor alguns questionamentos sobre o universo de atuação profissional das Ciências Humanas em tempos de imediatividade, produção em massa e, ao mesmo tempo, obsolescência e transitoriedade de suportes. Inquietações de ofício partilhadas com pares: da quantidade que suplanta em muitos casos a capacidade de assimilação e registro, que inviabiliza reflexões posteriores de algo que não mais estará ali aguardando por séculos para ser analisado.

Esse é o mundo em tempos de Web 2.0, 3.0 e em vias de transformar-se numa versão 4.0.

Temos assim o tema da fluidez de escritos e produções e os desafios que diferentes profissionais da área das Ciências Humanas enfrentarão ao tentar entender esta sociedade, a partir de seus registros escritos.

De uma velocidade de ritmos e de suas relações, surge um mundo feito em compartimentos e uma explosão tecida em rede e composta por núcleos que se aglutinam e se afastam imitando o que seja viver em uma sociedade análogo-virtual.

São fragmentos compostos por pequenos textos, vídeos e mesmo imagens, concebidos e produzidos com intenções explícitas, quer por sua divulgação, quer por sua destruição. As formas de descarte são profundamente acentuadas e circunstanciadas subjetivamente: a penúltima produção cede sempre lugar à última e que em vários casos encontra numa tecla *delete* o seu destino final. Tudo é facilmente substituído pelo imediatamente posterior. Ao “consumidor final” fica a incógnita dos objetivos, opções e escolhas tanto de uma ação quanto de outra.

As repercussões que tal ambiente, vivido e compartilhado em redes terá sobre comportamentos, ações e produções sociais, culturais e pessoais ainda gatinham. Estudos mais aprofundados precisarão, e irão surgir, como forma de remeter e verticalizar essas dimensões.

O que é indiscutível é que as pessoas constroem uma representação de si (persona) tal como sempre o fizeram, o que ocorre no cenário atual é que as dimensões e o universo dessa exposição (avatar) são muito diferentes da que ocorria em tempos passados. Avatares (personas virtuais) expostos em compartilhamentos na rede possuem a possibilidade de ser construídos infinitamente pelos seus próprios produtores e reprodutores. Cortes e recortes são possíveis tanto quanto prováveis e tantos quantos assim o queiram modificam o que tem em mãos para, em seguida, compartilhar a inúmeros outros.

Deste mundo editado e reeditado, fragmentado inúmeras vezes, os espaços de privacidade encurtaram-se. O ciberespaço oferece a dificuldade extra para que indivíduos consigam construir tais pontos. Anteriormente, eram físicos e circunscritos aos nossos locais de trabalho, a casa, a escola, nosso quarto: era simples defini-los. Hoje, há uma movimentação tão grande e por tantos que a maioria não sabe bem onde acaba um e começa o outro, ou se de fato terminam! Espaços pessoais ou individuais, públicos ou sociais são movediços e se justapõem.

As chamadas correspondências ordinárias, biografias e mesmo diários, que forneceram tantos subsídios a gerações de historiadores e outros pesquisadores de diferentes áreas para análise e reflexão, encontram uma brusca mudança de formas e conteúdo. Em alguns casos, determinados formatos e padrões desaparecem ou vivem à beira da extinção.

Registros de próprio punho e correspondências com emissários definidos: algo totalmente em desuso e que inviabiliza a mais simples e primitiva forma de investigação composta por troca de ideias, pensamentos e sentimentos entre partes, está rapidamente desaparecendo. Substituídos por links, hiperlinks, textos, blogs, wikis e todas as formas de comunicação imediata, que são simplesmente tiradas do ar muitas vezes antes que as consigamos ler em sua inteireza. Conexões

de sentido que ligam e linkam ideias e contextos perdem-se em malhas de sentido e, em muitos casos, pouco do que foi sua origem permanece.

Se no momento anterior concentrei-me nas formas e possibilidades de escrita, neste outro momento estarei atenta a desenvolver outra perspectiva:

Já que na outra margem e não menos importante, teremos a leitura.

Tal como várias outras formas de aprendizagens, sociais e culturais, obedecem a determinados códigos: haja vista que até a forma como deslocamos nosso olhar indica uma ordem que, para o ocidental, vai da esquerda para direita e de cima para baixo. Convenções estas que se colocam como contexto/parâmetro para que a leitura se dê. A seguir, procede-se à leitura propriamente dita e que muitas vezes não é feita palavra por palavra. Em geral essa leitura possui uma forma geométrica, semelhante ao desenho da letra F.

Acompanha essa forma de leitura um código postural e gestual: que nos dias de hoje é feito, em geral, silenciosamente. A leitura em voz alta é utilizada em situações específicas com objetivos claros: em geral como meio de obter atenção para o que se lê, e aí pode ser uma situação pessoal ou nas formas clássicas de aprendizagem por iniciantes. Lemos com todo o nosso repertório social, cultural e pessoal (este composto por experiências sensoriais e intelectuais).

O bom leitor será arguto, profundo e fará conexões com outros escritos e experiências anteriores presentes em seu repertório. Conexões de sentido e apropriações serão bem vindas.

Com os suportes em formato físico as experiências táteis e sensoriais, serão muito maiores, não precisamos de intermediários como: aplicativos, tecnologias, gadgets em geral. Basta-nos a experiência do silêncio da alma e a inquietude do espírito. A viagem se dará e fronteiras serão rompidas.

Roger Chartier usa a expressão “códigos de leitura” e sua aplicabilidade ao campo da leitura de imagens também procede. Se pensarmos na fotografia, temos o fotógrafo nos dirigindo o olhar e nos indicando para onde, e o que olhar. Caberá ao espectador filtrar isso e aplicar sentido ao que vê.

Essa forma de argumento pode ser aplicada a diferentes mídias e suportes e, por isso, adoto aqui o termo texto ou escrita independente do suporte, mídia ou conteúdo. Assim pensado, o texto é único, porém com tantas e grandes possibilidades de leitura e interpretação!

Para além dessa ampla produção de novos suportes para o registro de escritas, o mundo contemporâneo também produz outra categoria de leitor e de produtores de conteúdo: não teremos mais epístolas ou registros seriados e linearmente postos.

A escrita e a leitura se colocam de outra forma: a escrita não possui mais o componente de linearidade que conhecíamos e diferentes narrativas são possíveis. Um blog, por exemplo, que seria em outros tempos um diário, apresenta em seu entremeio escritos, imagens, vídeos, sons e que não se encontram dispostos naquela mesma página.

O leitor, por outro lado, é movido e *hiperlinkado* para outros rumos. O encadeamento do escrito não é de quem escreve, mas muito mais de quem lê e da forma que escolhe como leitura. É neste contexto que o documento de hoje é produzido e é nesta economia que circula, divaga virtualmente, desterritorializado, numa fragmentação veloz de tempos e espaços.

A narrativa se liberta de seu produtor imediatamente após a sua produção e é neste sentido que paradigmas necessitarão ser revisitados, repensados e intermediados por muitas outras áreas.

Construções identitárias a partir de relações de convívio sociais serão infinitamente mais trabalhosas de se reconstituir pelos pesquisadores do futuro próximo. As trilhas deixadas terão muitas vias, acessos e saídas.

Neste princípio de século XXI sentimos esta transição que é cultural, social e, principalmente, de formatos e tecnologias. Muito natural que sintamos um tempo como se vivêssemos uma vaga. Com certeza, as civilizações que nos sucederem não terão estes questionamentos e poderão achar pueris nossas elucubrações.

Decisivos para esta nova forma de comunicação escrita são os hipertextos e a disponibilidade de tecnologias cada vez mais amigáveis do ponto de vista de compartilhamentos.

Nas palavras de Assmann (2000):

[...] Do ponto de vista técnico, o hipertexto foi a passagem da linearidade da escrita para a sensibilização de espaços dinâmicos. Como conceito de conectividade relacional mediada pela tecnologia, podemos definir a hipertextualidade como um vasto conjunto de interfaces comunicativas, disponibilizadas nas redes telemáticas.

No interior de cada hipertexto, deparamo-nos com um conjunto de nós interligados por conexões, nas quais os pontos de entrada podem ser palavras, imagens, ícones e tramações de contatos multidirecionais (links). É importante destacar que o hipertexto contém geralmente suficientes garantias de retorno para que os sujeitos interagentes não se percam e se sintam seguros em sua navegação [...]”.

Acomodando-se neste mundo da quantidade que, em muitos casos, leva ao detrimento da qualidade, temos 140 caracteres (Twitter) que buscam uma escrita ágil e encontram um leitor pouco atento e muitas vezes sem foco ou concentração. Conexões entre sujeitos e pensamentos potencializam-se e constroem-se. A interlocução chega sempre na horizontalidade e caracteriza-se pela desterritorialização das ideias, de seus sentidos e de seus produtores e consumidores.

Uma nova cognição se configura e denota uma forma diversa de pensar relações e a construção de diferentes saberes.

Outra vez, Assmann afirma: (2000) sobre cognição e aprendizagem:

[...] As novas tecnologias da informação e da comunicação já não são meros instrumentos no sentido técnico tradicional, mas feixes de propriedades ativas. São algo tecnologicamente novo e diferente. As tecnologias tradicionais serviam como instrumentos para aumentar o alcance dos sentidos (braço, visão, movimento etc.). As novas tecnologias ampliam o potencial cognitivo do ser humano (seu cérebro/mente) e possibilitam mixagens cognitivas complexas e cooperativas. Uma quantidade imensa de insumos informativos está à disposição nas redes (entre as quais ainda sobressai a Internet). Um grande número de agentes cognitivos humanos pode interligar-se em um mesmo processo de construção de conhecimentos.

[...] Isto significa que as tecnologias da informação e da comunicação se transformaram em elemento constituinte (e até instituinte) das nossas formas de ver e organizar o mundo. Aliás, as técnicas criadas pelos homens sempre passaram a ser parte das suas visões de mundo. Isto não é novo. O que há de novo e inédito com as tecnologias da informação e da comunicação é a parceria cognitiva que elas estão começando a exercer na relação que o aprendente estabelece com elas.

[...] Em resumo, as novas tecnologias têm um papel ativo e co-estruturante das formas do aprender e do conhecer. Há nisso, por um lado, uma incrível multiplicação de chances cognitivas, que convém não desperdiçar, mas aproveitar ao máximo. Por outro lado, surgem sérias implicações antropológicas e epistemológicas nessa parceria ativa do ser humano com máquinas inteligentes.[...]

Ações, escritos e produções se fazem cada vez mais com o que se chama de “desintermediação”. Em toda a história do homem, intermediários eram necessários para que a comunicação se fizesse e gerasse informação relevante. Hoje, contudo, tal necessidade deixou de existir e as relações passam a ser cada vez mais desintermediadas.

Nas palavras de Lévy (1998):



[...] Até agora, o espaço público de comunicação era controlado através de intermediários institucionais que preenchiam uma função de filtragem e de difusão entre autores e consumidores de informação: estações de televisão, de rádio, jornais, editoras, gravadores, escolas, etc. Ora, o surgimento do ciberespaço cria uma situação de desinformação, cujas implicações políticas e culturais ainda não terminamos de avaliar. Quase todo mundo pode publicar um texto sem passar por uma editora nem pela redação de um jornal. O mesmo vale para todos os tipos de mensagens possíveis e imagináveis (programas de informática, jogos, músicas, filmes, etc). Passa-se assim, de uma situação de seleção a priori das mensagens atingindo o público a uma nova situação, na qual o cibernauta pode escolher num conjunto mundial muito mais amplo e variado, não criado pelos intermediários tradicionais. [...]"

Nosso tempo assiste a noção de que os meios digitais, são antes de tudo, uma metalinguagem que conseguiu fazer com que todos os conteúdos e formatos fossem libertados de seus suportes analógicos. Com isto, novas relações se constituíram e ainda estão em constituição. Infinitas composições, agrupamentos e criações se fazem, se fundem e nunca temos algo que esteja acabado e pronto.

Neste ambiente, a constante renovação e substituição, é imprescindível e alcança maior autonomia na mesma medida em que as inovações tecnológicas chegam. Muitos autores em obra aberta (wikis, por exemplo) acrescentam e são acrescentados a todo o momento até que a mesma é dada por encerrada e colocada para ser consumida por leitores igualmente ávidos. Muito mais seduzidos pela novidade em si do que propriamente pela reflexão aprofundada dos temas expostos.

O século XXI está assistindo um ponto onde nossa sociedade coetânea passa pela dessacralização da escrita contínua, linear e exerce características intertextuais, que se fragmentam em múltiplos sentidos.

Até o advento da web, o universo de produção da escrita era tangível. Poderíamos mesmo chamá-lo de analógico, pois encontrava nas palavras a forma máxima de sua expressão. As palavras nominavam ideias e ganhavam nas tintas impressas seu poder de materialização onde o dito e pensado vinham à existência, corporificavam-se.

As entrelinhas eram caminhos extras para inquirir e perscrutar o passado, o dito ou escrito. Teciam possibilidades a partir do não dito. Ofereciam descanso ao olhar e esteio para a mente fluir. Descansavam a palavra, ao mesmo tempo em que ofereciam espaços suspensos para a imaginação trafegar. Era comum o leitor simplesmente pousar as mãos sobre os escritos e

esperar que ideias e palavras se acomodassem à sua mente. A leitura seguia ritmada por movimentos de ir e vir no texto, no tempo, nos pensamentos. As palavras, degustadas uma a uma pelo leitor iam dando corpo ao que se chamava obra de um escritor. Tempos de comunicação estreita e de um diálogo constante entre o escritor e seu leitor.

Hoje, no entanto, nos defrontamos com um universo de representações e produções que em muitos casos nunca passarão pelos processos de materialização física e que não perdurarão o suficiente para chegar ao futuro. Escritos que surgem e que são substituídos quase que instantaneamente por outros revelam essa fluidez. Muitos são os estímulos e em geral não se dá ao leitor o tempo para estar a sós com o escrito. Espera-se sempre entretê-lo com imagens, movimentos, sons...

O grande paradoxo que vivemos contemporaneamente é de como uma sociedade que produz tantos registros possa correr o risco de passar para a história como uma cultura quase sem vestígios.

De acordo com Lévy (1998):

"[...] Em vez de um texto localizado, fixado num suporte de celulose, no lugar de um pequeno território com um autor proprietário, com começo e fim formando fronteiras, o do World Wide Web confronta-nos com documentos dinâmicos, abertos, ubíquos, indissociáveis de um corpus praticamente infinito. Enquanto a página de celulose figura um território semiótico, a que aparece na tela é uma unidade de fluxos, submetida às limitações da vazão nas redes. Mesmo se nas suas bibliografias ou notas ela se refere a artigos ou livros, a página material é fisicamente fechada. A virtual, em contrapartida, conecta-nos tecnicamente e de imediato, através de vínculos hipertextos, com páginas de outros documentos, dispersas por todo o planeta, que remetem indefinidamente a outras páginas, a outras gotas do mesmo oceano mundial de signos flutuantes [...]"

Como já ocorria com os suportes analógicos, para cada fonte, obra ou registro tornado disponível outros tantos foram destruídos, ou em nosso caso nem passaram à materialização.

(LÉVY, 1998):

"[...] Levando-se em conta tudo o que foi dito antes, seria importante ressaltar que, atrás de cada documento conservado, há milhares destruídos. [...] Na sobreposição de centenas de subjetividades e acasos, ele encerra a chave de acesso ao conhecimento do passado. Reafirmando-se seu senhorio dialético, criador/criatura, o documento, em si, torna-se uma personagem histórica, com a beleza da contradição e da imprevisibilidade, com as marcas do humano [...]"

## **À guisa de considerações finais**

A fluidez, velocidade e interconexão na produção Web 2.0 colocam lado a lado Memória e Esquecimento, só que no sentido de interrupções de conexões, perdas de links e obsolescência.

Será necessário entendermos e lidarmos com tais coisas. A obsolescência torna-se aqui metáfora para o esquecimento em tempos de imediaticidade e compartilhamento.

Sobre os tempos de tintas digitais, escritos e leitores, as questões são muitas e permanecem sem resposta:

Como será, em um futuro distante, tecer o que era a vida privada de toda uma sociedade a partir de correspondências mantidas por meio de correios eletrônicos, enviadas em cópias ocultas ou em blogs que deixaram de existir?

Soluções como herança digital já aparecem em preocupações de inventários e órfãos digitais surgem todos os dias após a morte de produtores de conteúdos em blogs e outras formas de presença virtual. Quem cuidará dessa herança? Quanto dela sobreviverá às perdas inerentes da obsolescência de que são vítimas?

Como mapear as imagens destruídas e por quais motivos, diante da obsolescência galopante de máquinas, equipamentos e arquivos?

Como tratar volume e dispersão de produções individuais e sociais perdidas em uma malha digital?

E o que dizer da produção da chamada imprensa oficial, que por séculos representava o pensamento organizado de segmentos da sociedade? Representantes em tempos áureos da voz de uma minoria, e que atualmente cede espaço para inúmeras outras vertentes de pensamento que coabitam as sociedades e que se exprimem por inúmeros veículos de comunicação. São vozes dissonantes que registram fatos, impressões e dão sobre eles interpretações subjetivas e locais.

E sobre contextos e circulação? Como defini-los? Eis aqui uma grande dificuldade! Quem é o leitor e quem é o autor em ambientes da web? Qual é o produto e de quem é sua propriedade?

Indicações materiais de autenticidade (tão caras à diferentes pesquisadores) tais como: assinaturas, datas e outros indícios buscados como preciosidades em cartas, imagens e outros documentos, passam a encontrar sérias dificuldades quando não se sabe quem, quando, onde e sob que circunstâncias tais registros foram produzidos.

Neste sentido, a construção de tessituras sociais com camadas e espessuras próprias necessitará, por parte de quem investiga, maior fôlego e sutileza. Afinal, as relações construídas partirão de universos que irão muito além dos espaços compartilhados geograficamente. Haverá partilhas em espaços virtuais, onde as proximidades e distanciamentos se construirão a partir de outras propostas, usos e funções. Repensar estas teias e compreendê-las em suas dimensões será um grande desafio.

A cultura de consumo e produção excessiva cria um culto ao descarte e a voracidade que impossibilita atividades simples como o reter, o guardar para o porvir.

Muitas serão as questões para problematização que futuros historiadores e demais pesquisadores encontrarão. Talvez um ponto de partida seja tomar em consideração que a pesquisa, seja ela histórica ou para outros fins, precisa se adequar ao novo ambiente que temos:

A escrita, tal como a leitura, ganha novas formas de manifestação (CUNHA, 2011):

"[...] Ação da mão sobre papéis, sobre telas, sobre pedras e onde mais for possível deixar traços, a escrita registra, inventa e conserva sempre mais ou menos, ao contar, muitos atos da experiência humana. Como ferramenta de uso social, a escrita pode salvar do esquecimento ao fixar no tempo vestígios de passados e, assim, escrever se constitui em uma forma de produção de memória e, por conseguinte, em instrumento de construção do passado. [...]"

E aqui chegamos ao ponto inicial: a escrita é ferramenta de uso social e meio de tentar explicar e entender o ambiente que cerca indivíduos, sociedades e culturas. São impressões de mundo que se materializam em diferentes suportes, e que por tentar salvar do esquecimento oferecem vestígios de um passado, de um tempo que não mais nos pertence.

São com tais ferramentas que o investigador lapida e perscruta o passado, buscando em suas frestas algum lampejo que revele nuances de um tempo que se foi.

E são com tais inquietações que o Pensados a Tinta surge. São pensamentos que aparecem múltiplos tanto quanto o são os caminhos da minha atuação profissional, portanto, elejo temas relacionados às Ciências Humanas (dentre elas a História, Arquitetura, Cidades, Sociologia, Antropologia), Ciências Sociais Aplicadas, Cultura, Educação, Tecnologia, Comunicação e Comportamento.

A sociedade é um grande ponto de reflexão para mim e a origem dos meus posts, por isso ela aparecerá como formas de interação em ambientes analógicos e digitais.

Conheça-o aqui: <http://pensadosatinta.blogspot.com.br/>

## **Referências**

ASSMANN, Hugo. **A metamorfose do aprender na sociedade da informação**. Ciência da Informação, Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros – leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2 ed. Brasília: Editora UNB, 1998.

CHARTIER, Robert (Org). **Práticas de Leitura**. São Paulo, Estação Liberdade, 1996.

CUNHA, Maria Teresa. **Territórios abertos para a História**. In: O historiador e suas fontes. São Paulo, Contexto, 2011.

DUQUE, Cláudio Gottschalg (Org.). **Comunicação Científica Contemporânea e de Vanguarda. Ciência da Informação Estudos e Práticas**. Brasília: Centro Editorial, 2011.

LÉVY, Pierre. **A Revolução contemporânea em matéria de comunicação**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 9, dez. 1998.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina (Org.). Apresentação. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.

PRETO, Nelson de Luca, and SILVEIRA, Sérgio Amadeu. (Org.). Convergência digital, diversidade cultural e esfera pública. In: **Além das redes de colaboração : internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. [online]. Salvador: EDUFBA, 2008. 232 p. Disponível em: <http://books.scielo.org> . Acesso em: 04/abr./2012.